A IMAGEM COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO COM O PASSADO: DA "ARTE RUPESTRE" ÀS NOVAS TECNOLOGIAS*

Presente, passado e futuro formam uma trilogia cujos termos são indissociáveis. Por isso, as sociedades da modernidade e da pós-modernidade, ao instaurarem-se "definitivamente" na história, criaram simultaneamente a obsessão do futuro (a inovação, o corte com o velho) e a obsessão do passado (a protecção do património).

Como mitos contemporâneos – e compensações para o sentimento de perda (da transcendência) que a modernidade introduziu, ao instituir a laicidade e a democracia, a dominação da imanência, e a omnipresença do mundo material – a imaginação do futuro e do passado tornaram-se indispensáveis como compensação para a permanente fuga do presente em relação a si mesmo (aceleração da vida e rápida obsolescência de todos os objectos). Desmaterialização da experiência (sua evanescência, e consciência disso) e materialização do mundo (privado de transcendência) – eis a herança que "os modernos" nos deixaram. Mas, para mim, a modernidade caracteriza-se pelos seus paradoxos, que parecem ampliar-se constantemente.

O património, o turismo, as indústrias da cultura, e o boom" da arqueologia são consequências da democratização. O passado é hoje um consumível das massas que, através dos "sítios de memória" (cápsulas de tempo parado como compensações para o tempo acelerado da vida) procuram, se não um princípio de ordem para o caos, um momento de interrupção e de contemplação na correria das suas vivências.

A imagem vinda do passado – nomeadamente se inscrita nessa manifestação da permanência, ou "eternidade", que é a pedra – é um ícone de permanência, de estabilidade, securizante. Não tanto pelo que nos diz (porque desconhecemos o que nos diz), mas pela aura de existir na sua antiguidade, de nos dizer o que é impossível de comunicar.

Num mundo onde toda a gente vive obcecada pela comunicação – que paradoxalmente nunca pode existir sem momentos de incomunicação, de silêncio – o que a arte rupestre nos diz é o silêncio sideral das vozes que para sempre se apagaram. Embora suspeitemos que os seus autores não eram muito diferentes de nós. E esse silêncio forma um coro universal – está espalhado por toda a Terra.

As novas tecnologias permitem estender ao infinito os arquivos do passado, e "brincar" com bases de dados, sistemas de informação geográfica e trabalho de imagens em 3D, numa modalidade que une o hedonismo e o espírito lúdico contemporâneos à investigação, permitindo

---

* Resumo da conferência pronunciada em Aveiro, no Centro Cultural e de Congressos daquela autarquia, em 16 de Abril de 2003.

criar simulações e modelos, testar hipóteses, descartar explicações descabidas. Estou convencido que é cada vez mais por aí que se farão representações interessantes do passado, dando-nos a ilusão sustentada de o reviver, de o revisitar. E para que serve ele, senão para isso?... As novas tecnologias têm a vantagem de proporcionar "ilusões" para todas as idades, gostos, e expectativas – são o dispositivo perfeito. Assim haja meios para recorrer a elas a todos esses níveis, e não apenas para entreter as crianças nos museus e escolas em frente a uns computadores.

Vítor Oliveira Jorge